



**Supplementary Notebook (RTEP - Brazilian academic journal, ISSN 2316-1493)**

## **Os Warao em Mossoró: Notas etnográficas dos primeiros contatos e estranhamentos**

**The Warao in Mossoró: Ethnographic notes of the first contacts and strangeness**

Profa. Dra. Eliane Anselmo da Silva<sup>1</sup>  
Prof. Dr. Raoni Borges Barbosa<sup>2</sup>

1. Professora Efetiva do DCSP-POSENSINO/UERN, elianeanselmo@uern.br
2. Professor Visitante do DCSP-PPGCISH/UERN, raoniborgesb@gmail.com.

**Resumo:** Este artigo pretende reunir de forma esquemática notas etnográficas e esboços analíticos produzidos no momento de primeiros contatos e estranhamentos com os indígenas venezuelanos Warao chegados à cidade de Mossoró/RN no ano de 2019. O contexto nacional brasileiro de pandemia da Covid19, bem com a condição de minoria étnica refugiada dos Warao, implicou em enormes esforços institucionais articulados por universidades, grupos privados de apoio a populações em situações de vulnerabilidade social e órgãos públicos de assistência e de prestação de serviços jurídicos para a acomodação dos Warao no urbano mossoroense. Nesse enquadramento moral e emocional, ainda atual, da situação de confronto interétnico com os Warao, perspectivas para uma pesquisa acadêmica sobre especificidades socioculturais e contrastividades étnicas foram organizadas, assim como foi produzido um breve esboço analítico sobre a dinâmica migratória, econômica e de aldeamento urbano dos Warao.

**Palavras-chave:** Warao, Mossoró-RN, notas etnográficas.

**Abstract:** This article intends to schematically gather ethnographic notes and analytical sketches produced at the time of first contacts and estrangements with the Venezuelan indigenous Warao arrived in the city of Mossoró / RN in 2019. The brazilian national context of the pandemic of Covid19, as well as the condition of a refugee ethnic minority of the Warao, involved enormous institutional efforts articulated by universities, by private groups to support populations in situations of social vulnerability and by public bodies of assistance and provision of legal services for the accommodation of the Warao in the urban of Mossoró/RN. In this still current moral and emotional framework of the interethnic confrontation situation with the Warao, perspectives for academic research on sociocultural specificities and ethnic contrastivities were organized, as well as a brief analytical outline on the migratory, economic and urban settlement dynamics was produced. of the Warao.

**Keywords:** Warao, Mossoró-RN, ethnographic notes.

## Introdução

Este artigo pretende reunir de forma esquemática notas etnográficas e esboços analíticos produzidos no momento de primeiros contatos e estranhamentos com os indígenas venezuelanos Warao chegados à cidade de Mossoró/RN no ano de 2019. O contexto nacional brasileiro de pandemia da Covid19, bem com a condição de minoria étnica refugiada dos Warao, implicou em enormes esforços institucionais articulados por universidades, grupos privados de apoio a populações em situações de vulnerabilidade social e órgãos públicos de assistência e de prestação de serviços jurídicos para a acomodação dos Warao no urbano mossoroense. Nesse enquadramento moral e emocional, ainda atual, da situação de confronto interétnico com os Warao, perspectivas para uma pesquisa acadêmica sobre especificidades socioculturais e contrastividades étnicas foram organizadas, assim como foi produzido um breve esboço analítico sobre a dinâmica migratória, econômica e de aldeamento urbano dos Warao.

## Quem são os Warao?

Os Warao são um povo indígena da Venezuela, que vive em sua maioria, na região do delta do rio Orinoco, localizado nas imediações do Caribe venezuelano, distribuídos entre comunidades rurais, ribeirinhas e litorâneas e cidades do entorno, compondo os estados de Delta Amacuro, Monagas e Sucre. Constituem assim o segundo maior povo indígena da Venezuela em termos populacionais, totalizando aproximadamente 49.000 pessoas, como já apresentou um parecer sobre a situação dos Warao nas cidades de Boa Vista e Pacaraima, no estado de Roraima<sup>1</sup>.

Os estudos Antropológicos e Arqueológicos apontam que este território é ocupado pelos Warao há pelo menos 8.000 anos, com indícios de que, em períodos pré-coloniais, sua territorialidade e mobilidade alcançassem as Antilhas, e atualmente existindo ainda na Guiana e no Suriname. O delta do Orinoco se caracteriza pela presença de terras alagadiças e ilhas fluviais, que dificultou a ocupação colonial, mas não impediu, assim como a presença de missionários na região. Suas dinâmicas próprias de mobilidade, bem como o encontro com os colonizadores europeus e com populações locais explicariam a fixação numa área geográfica mais definida ao longo dos últimos séculos, relatam ainda Botelho, Ramos e Tarragó (2017, pág. 06).

O povo Warao fala uma língua comum a seus diversos grupos, sendo o espanhol uma língua secundária para uma considerável parte desse povo, com variados graus de fluência. Segundo Jenny González Muñoz (2009, pag. 116-117), a preservação da língua é uma das características mais fortes da cultura Warao. A língua Warao é uma das que mais se estendem pelo território venezuelano, apesar dos embates que tem sofrido esse povo. E tal como outras línguas indígenas venezuelanas, originalmente não é uma língua escrita, pois tal como todas as suas manifestações culturais se apoiam fundamentalmente na oralidade, afirma a autora em sua tese. Segundo ela:

---

<sup>1</sup>Parecer Técnico Nº 208/2017/SEAP/6<sup>a</sup>CCR/PFD, elaborado por Luciana Ramos, Emília Botelho e Eduardo Tarragó, peritos em antropologia do Ministério Público Federal (MPF). Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/am/sala-de-imprensa/docs/parecer-tecnico-warao>.

De manera que aquí es donde entra lo significativo que es el idioma propio de cada cultura originaria, pues por medio de él expresan su visión del mundo ancestral y contemporáneo, sus normativas, concepción sobre los valores, filosofía de vida, religión, cosmovisión, temporalidad (MUÑOZ 2009, pag. 117).

Quanto a organização social, os Warao formam “unidades endogâmicas, com estrutura social relativamente igualitária, sendo a liderança em cada comunidade exercida pelo mais velho, um Aidamo”. O padrão de residência é matrilocal, onde os homens passam a morar na casa ou comunidade da família da esposa, após o casamento. As mulheres habitualmente têm a responsabilidade de distribuir e redistribuir os recursos e alimentos para o grupo familiar, enquanto os homens atuam prioritariamente nos contextos públicos de mediação e interação com a sociedade envolvente (BOTELHO; RAMOS; TARRAGÓ, 2017, p. 13).

É preciso também ressaltar que existe uma diversidade entre os próprios Waraos, que se traduz em suas práticas culturais e modos de vida distintos, de acordo com os grupos nas diferentes regiões do delta do Orinoco. E isto obviamente, se reflete também nas diferenças entre os grupos que migraram para o Brasil. Mas ainda assim, é possível afirmar que os Warao “se constituem em uma unidade étnica diferenciada, verificável nos planos linguísticos e das relações sociais intra e interétnicas, formando uma unidade sociológica mais ampla” (ibid., p. 28).

A autora antes citada, Jenny González Muñoz (2009), descreve o povo Warao como hábeis navegadores e pescadores, construtores de canoas, que domesticaram o rio para seu próprio benefício, até mesmo na construção de suas moradias, as *janokas*, levantadas a partir de troncos extraídos de árvores locais e colocadas sobre as águas – como uma espécie de palafitas. As navegações feitas por meio das canoas, meio de transporte por excelência da etnia Warao, possibilitou assim um grande conhecimento sobre a pesca tradicional local (idem 2019, pag. 03).

Percebe-se a estreita relação do povo Warao com a água, visto que este é um elemento constante do território onde vivem tradicionalmente. Tamanha é a influência da água para o povo Warao, que sua própria denominação tem origem nas palavras *wa* (canoas) - também chamadas de *curiara* - e *arao* (“donos de” ou ainda “gente”). Logo, a palavra *warao* pode ser interpretada como “donos de canoas/curiara” ou “gente da água” (idem 2019, pag. 04).

É ainda a partir de sua relação com a água, ou da interferência na qualidade deste importante elemento do qual depende grande parte de suas tradições, que vai, inicialmente, motivar o povo Warao a se afastar de seu ambiente natural:

la hidrografía del terreno se comenzó a ver afectada produciendo consecuencias contradictorias no usuales, lo cual conllevó a la inundación de terrenos cosechables y la sequía de los no aptos. Por su parte, el caño Manamo se redujo en un 80%, disminuyendo ampliamente la salida de las aguas dulces, provocando la salinización de los suelos y, por consiguiente, un cambio sustancial tanto en la flora como en la fauna. Muchos animales murieron. Los otros emigraron. Decenas de plantas desaparecieron para siempre. Miles de warao se vieron en la necesidad de abandonar sus tierras emigrando a lugares y realidades inciertas. Aquellos de menos suerte, murieron al quedar atrapados en “islas” imposibles de abandonar por causa de la sequedad de las aguas lo cual imposibilitó la navegación. Y por si fuera poco, el estancamiento y empantanamiento de las aguas trajo consigo una serie de enfermedades cutáneas, respiratorias y demás, que en la mayoría de los casos concluía con la muerte de los indígenas. Esta situación actualmente (año 2009) sigue trayendo consecuencias como las

acotadas: los indígenas habitantes de los caños menores, al ver cada día más disminuidas sus posibilidades alimenticias y de salubridad, emigran a la ciudad de Tucupita, donde se pueden ver a orillas del caño *Manamo*, junto al malecón, aprovechando estas aguas que no están aptas para su consumo; otros *warao* se han dirigido a diversas zonas del país, dejando atrás su hábitat natural, su modo de vida originario, sólo logrando vivir en mendicidad y una terrible pobreza, como ocurre en San Félix, Ciudad Bolívar y aun Caracas (IDEM, 2017, pag. 98).

Para Jenny González Muñoz, o crescimento de atitudes discriminatórias em relação a esse povo ancestral o forçou a empreender uma espécie de diáspora interna e externa em busca de novas alternativas de vida. As ações desenvolvimentistas realizadas pelo estado venezuelano a partir de meados do século XX, impactaram diretamente nos espaços e nas dinâmicas socioculturais do povo Warao, bem como em sua mobilidade, empurrando famílias inteiras para fora da região do delta. São assim obrigados a criarem alternativas, como bem ressaltou a autora, nos contextos urbanos da região, e posteriormente, também em outros países, como é o caso do Brasil.

O território tradicional desta população indígena começou a ser ameaçado de forma mais intensa entre as décadas de 1920 e 1940, quando o cultivo do *ocumo chino* (cará) foi introduzido em regiões onde existia o extrativismo do *moriche* (buriti). Depois, pelo empreendimento que afetou sobremaneira o modo de vida dos Warao, na década de 1960: a construção de um “dique-estrada”, uma barragem no rio Manamo, com o objetivo de criar um acesso rodoviário para a cidade de Tucupita e fomentar a expansão das atividades agropecuárias na região (BOTELHO; RAMOS; TARRAGÓ, 2017, p. 10).

Dentre os impactos negativos dessa construção para os indígenas podemos citar principalmente os efeitos sobre a água, como já mencionado anteriormente por Muñoz (2017). De acordo o Parecer Técnico elaborado pela tríade de autores supracitados, as principais consequências foram: a salinização do rio na estação seca, afetando diretamente a atividade pesqueira; acidificação dos solos, dificultando as práticas agrícolas; o aumento do nível da água, provocando alagamentos; desmatamento, poluição e surgimento de doenças em regiões de água parada. Assim, conforme o referido Parecer, o barramento do rio Manamo “gerou de imediato a remoção forçada de parcialidades da etnia e o impedimento de acesso às áreas anteriormente em uso, além de passar suas áreas para populações não indígenas, incentivando estas a empreender em agricultura familiar ou empresa agrícola” (ibid.: 10). E finalmente, nos anos 1990, os empreendimentos do setor petrolífero instalados na região do delta, acarretou um novo fluxo migratório dos indígenas para as cidades.

A necessidade de complementação de renda das famílias indígenas da região do delta foi e ainda é a principal motivação dos seus deslocamentos, visto que a subsistência não é mais plenamente atingida com os recursos naturais do seu território tradicional. Além da busca pelo alimento, o meio urbano é visto também como o mais propício para se obter medicamentos e atendimentos à saúde. É sob tais circunstâncias que o povo Warao desenvolveram meios específicos para garantir sua sobrevivência, incluindo a “prática do pedir”, identificada como a famosa “mendicância”.

Assim, a crise econômica na Venezuela que se intensificou ao longo dos últimos anos, potencializou os fluxos migratórios dos Warao para zonas urbanas, incluindo os países vizinhos, como o Brasil. Podemos afirmar, a priori, que a vinda dos Warao para as cidades brasileiras é motivada principalmente pelas necessidades básicas de sobrevivência, pela busca do alimento, do trabalho e do dinheiro. Essa prática migrante é

conforme os estudiosos uma característica da mobilidade deste povo. E isso acarreta a oscilação na quantidade de indígenas em cada localidade em que eles passam.

Os primeiros registros da presença do povo Warao em território brasileiro remetem ao ano de 2014, quando começaram a ingressar por terra no estado de Roraima. E a partir de meados de 2016, se iniciaram novos deslocamentos, os levando de Pacaraima (RR) e Boa Vista (RR) para Manaus (AM), Santarém (PA) e Belém (PA). Finalmente, no primeiro semestre de 2019, os Warao passaram a se deslocar para capitais e cidades de médio porte da região Nordeste, havendo registros de sua presença em São Luís, Imperatriz e Açailândia, no Maranhão, Campo Maior e Floriano, no Piauí, Fortaleza, Caucaia, Itarema e Sobral, no Ceará, Natal e Mossoró, no Rio Grande Norte, Recife e Caruaru, em Pernambuco, João Pessoa e Campina Grande, na Paraíba, Aracaju, em Sergipe, Maceió, em Alagoas, Salvador e Feira de Santana, na Bahia (SANTOS, SONEGHETTI & TARRAGÓ, 2018).

É nesse contexto de fluxo migratório, do ano de 2019, que Warao chegaram à cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte. E é na perspectiva de pensar as emergências contemporâneas relacionadas a crises político-sociais que levaram o povo Warao a situação atual de imigrantes no Brasil, que objetivamos pautar nossas prévias reflexões, partindo do contexto urbano local que estamos inseridos.

### **Os Warao em Mossoró/RN: primeiros alertas institucionais**

A cidade de Mossoró está localizada no Rio Grande do Norte, estado do Nordeste brasileiro. Com uma área territorial de 2.099,3 km<sup>2</sup>, possui segundo o último censo demográfico 297.378.000 habitantes<sup>2</sup>.

Os indígenas Warao em Mossoró desde o final de 2019. Assim como outros venezuelanos em situação de refúgio, eles vieram para a cidade através das ações de apoio e gestão de espaços de acolhida da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR). Tiveram em Mossoró a parceria do Lar da Criança Pobre, uma Instituição Filantrópica que presta benefícios à população carente da cidade, que tem a direção da conhecida Irmã Ellen Scherzinger.

Logo que se tomou conhecimento do grupo na cidade – por estarem nas ruas com as crianças, principalmente no contexto da pandemia da Covid-19, a Prefeitura Municipal de Mossoró, por meio do Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), passou a fazer, assim que acionada, em janeiro de 2020, o acompanhamento do grupo. O intuito foi garantir o acesso do grupo aos programas sociais - como o auxílio emergencial disponibilizado pelo Governo Federal – consequentemente através dos cadastros no CadÚnico e Bolsa Família – bem como à assistência médica, documentação regulamentada, dentre outros.

Com a mesma perspectiva de acompanhamento e garantia de direitos, o CERAM - Comitê Estadual Intersetorial de Atenção aos Refugiados, Apátridas e Migrantes do Rio Grande do Norte, passa atuar junto aos Warao em Mossoró. O referido comitê foi instituído pelo decreto nº 29.418, assinado pela governadora do Estado do Rio Grande do Norte, no dia 27 de dezembro de 2029, com o objetivo de apoiar e monitorar as políticas públicas destinadas aos migrantes, refugiados e apátridas que estejam vivendo no estado, centrado na política de direitos humanos.

<sup>2</sup> Ver: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-mossoro.html>.



Os Warao na cidade de Mossoró somam ao todo uma média de 50 pessoas, organizadas em 09 famílias (número inexato pelo constante fluxo migratório entre Mossoró/RN, Caicó/RN, João Pessoa/PB, Recife/PE e Teresina/PI). Os Warao estão alojados em casas e escolas que estão sob a tutela do Lar da Criança Pobre, localizadas em dois bairros da cidade: Barrocas e Santa Delmira (recentemente os Warao decidiram deixar o prédio que ocupavam no bairro Santa Delmira, estabelecendo moradia apenas nos prédios localizados no bairro Barrocas).

Em uma perspectiva de viabilização do contato com os Warao, da compreensão da sua cultura e da conscientização da população local do porquê estão nas ruas, o CREAS solicitou o apoio da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, que se deu através do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros – NEAB, grupo acadêmico que realiza ações junto às comunidades indígenas também. O NEAB imediatamente buscamos a parceria, através da Universidade Federal do Piauí - UFPI, que vem acompanhando o grupo Warao no Piauí, realizando atividades em parceria com a Universidade Federal de Roraima - UFRR, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, que estão em diálogos com pesquisadores de universidades da Venezuela.

No sentido de informar e conscientizar a população mossoroense sobre a presença dos Warao na cidade, foi realizada uma live (palestras virtuais no contexto da pandemia da Covid19) com o tema “Os Warao na Venezuela e no Brasil: diálogos e compartilhamento de saberes”, no dia 04 de junho. Na ocasião, as professoras convidadas – Carmen Lúcia (UFPI) e Jenny Gonzales (UFMG) – apresentaram a situação dos Warao na Venezuela e no Brasil, e a coordenadora do CREAS/Mossoró, Sheyla Pedrosa, expos a situação dos Warao na cidade.

Foi realizada também uma atividade de formação para os profissionais que trabalham diretamente com os indígenas Warao em Mossoró: profissionais da saúde, vigilância sanitária e CREAS. Uma roda de conversa sobre “Os desafios do acolhimento e assistência aos indígenas Warao” foi realizada no dia 29 de junho. Teve como convidadas: Profa. Dra. Carmen Lúcia Silva Lima (UFPI); Janaina Maria dos Santos, enfermeira, professora da UFPI, membro do NESP/UFPI, e Lucineide Rodrigues Chaves da Silva, da Cáritas Arquidiocesana de Teresina.

Cabe ressaltar, ainda, os primeiros contatos mediados pela UERN feitos com o Warao: a Ação solidária PET Solidário, promovido pelo Programa de Educação Tutorial em Ciências Sociais (PETCIS) e Associação dos Docentes da UERN (ADUERN), que recolheu doações em dinheiro, leite, fraldas descartáveis e alimentos, distribuindo entre o grupo; o Convite para o NEAB compor o CERAM – como membro representante da UERN; a Reunião com a imã Ellen sobre a situação dos “abrigamentos/alojamentos” dos Warao na cidade, com o CERAM, CREAS e UERN; e a reunião com a Reitoria da UERN com o CERAM, para viabilizar propostas de ações em prol dos indígenas Warao na cidade e no estado, via campi da universidade.

Ao longo destas atividades, entre encontros e estranhamentos, um importante material foi sendo produzido (e que em próximas publicações será pormenorizadamente abordado) em formato de *notas etnográficas*, dos quais destacam-se:

- A chegada e o acolhimento inicial dos Warao na cidade de Mossoró-RN, quando foram imediatamente questionados acerca dos motivos que os levaram a sair da Venezuela;
- Os Estranhamentos da população local (inclusive dos profissionais que trabalham junto aos Warao, sendo necessárias formações para esses profissionais);

- A Garantia de Direitos e Deveres comunicados aos Warao:
  - a) Abrigamento (Condições do seu alojamento); o Aluguel Social (Programa do Governo do Estado do RN, que se tornou uma das principais reivindicações do grupo);
  - b) A demanda Warao por trabalho (Reivindicação principal - presença diária nas ruas, busca de alimento/subsistência);
  - c) Acesso Warao aos sistemas de saúde (Acompanhamento e atendimento médico no abrigo - contexto da Pandemia da Covid-19/Secretaria de Saúde de Mossoró);
  - d) As denúncias e reuniões com o Conselho Tutelar (crianças Warao nas ruas);
  - e) Acesso ao Restaurante Popular/Governo do Estado do RN (observando a alimentação Warao diferenciada);
  - f) Acesso à Educação (reivindicação Warao prejudicada pelo contexto da pandemia da Covid-19);
  - g) A solicitação da regularização da documentação oficial para os Warao (chamado documento de refúgio);
  - h) As reuniões com pesquisadores, burocratas e lideranças indígenas para tratar das reivindicações Warao (Busca de articulação de saberes e compreensão da cultura Warao, com a qual os governos do Estado e Município ainda não parecem estar preparados para lidar).

Nesse processo de inserção em campo de pesquisa para o exercício da etnografia e da Antropologia, não raramente o papel do pesquisador se confundiu com o papel do mediador e porta-voz dos direitos de refugiados e de uma minoria étnica, tal qual os Warao se apresentaram em Mossoró – RN. Nesse choque de linguagens, identidades e performances sociais, as atribuições e limitações do burocrata vinculado à instituição universitária, do cientista social imbuído do princípio da neutralidade axiológica e do cidadão engajado em causas sociais, passaram também a ser objeto de reflexão. Conforme o amadurecimento da presente pesquisa, este tópico será abordado.

### **Breves considerações para um esboço analítico**

Os primeiros contatos e estranhamentos com o grupo Warao em Mossoró – RN permitem o esboço de algumas considerações analíticas em relação à dinâmica migratória, à dinâmica econômica e à dinâmica sociopolítica cotidiana destes indígenas. Nesse sentido, pode-se perceber que os indígenas Warao se apresentam como grupo nômade bastante experiente em relação a estratégias de percorrer enormes distâncias territoriais e de atravessar fronteiras internacionais. A dinâmica migratória Warao parecer ocorrer a partir da articulação de projetos do grupo maior com as famílias que os compõem.

Com efeito, percebe-se que as famílias gozam de relativa autonomia para estabelecer seus interesses particulares quanto a itinerários e pertenças ao grupo maior. As noções de lealdade e de pertença a um Estado-Nação, como à Venezuela, precisam ser ainda investigadas.

As famílias Warao chegadas à cidade de Mossoró - RN logo iniciaram atividades de coleta de alimentos e de valores nos semáforos das principais avenidas, gerando enorme apreensão por parte da população local que estranhava aquelas práticas de *mendicância* e de exposição de crianças, adolescentes e adultos às ameaças da Covid19. A reação da população mossoroense foi de acionar o Estado (inclusive com a tentativa de retirada de

recém-nascidos de suas mães Warao em situação de mendicância), de proporcionar assistência alimentar (o que causou certo mal-estar em relação à recusa dos Warao em assumir a dieta local que lhes era oferecida) e mesmo de oferta de terrenos para que as famílias Warao pudessem conjuntamente desenvolver projetos de agricultura.

A dinâmica econômica Warao, no entanto, mostrou-se vinculada a estratégias urbanas informais e oficiosas de produção de valores, seja com a coleta de recursos em pontos estratégicos da cidade, seja acionando o Estado para a percepção de auxílios circunstanciais. O discurso dos Warao aponta para possibilidades de o grupo maior voltar-se de forma mais sistemática para atividades agrícolas de subsistência. É interessante investigar como a cultura Warao classifica possíveis situações econômicas de pobreza, de dependência, de satisfação e de sucesso.

Em relação à dinâmica sociopolítica cotidiana, as famílias Warao parecem priorizar uma forma de organização coletiva pautada em *aldeamentos urbanos*, isto é, lugares relativamente afastados burburinho urbano, e portanto, discretos, em que o trabalho conjunto das famílias, o monitoramento moral e emocional continuado de seus membros e a reciprocidade econômica coletiva se fazem imprescindíveis enquanto dispositivos de preservação da sua contrastividade étnica. O aldeamento urbano, politicamente representado pela figura do Aidamo, articula os contatos imediatos com os grupos Warao acomodados nas cidades adjacentes e, também, com os familiares situados em longínquas distâncias territoriais.

Cabe aqui uma investigação teórica mais pormenorizada sobre a forma de os Warao se organizarem como sociedade translocal, cujas unidades político-econômicas seriam os aldeamentos urbanos agregadores de famílias aparentadas. Estas breves considerações para um esboço analítico, ao centrar três focos de problematização da normalidade normativa da cultura emotiva Warao, - a dinâmica migratória, a dinâmica econômica e a dinâmica sociopolítica cotidiana, - aponta para uma série de questões e hipóteses de uma pesquisa acadêmica ainda em gestação.

Dentre estes, os seguintes se destacam como direcionamentos para o trabalho etnográfico sobre as especificidades socioculturais Warao: os usos da língua Warao e de variações crioula; a preservação da alimentação e do vestuário étnico Warao; a organização do cotidiano de tarefas públicas e privadas do grupo Warao local; os discursos e práticas de religiosidades, sacralidades e ancestralidades Warao; o lugar da mulher e da criança no grupo; a organização política do grupo centrada na autoridade do Aidamo; a articulação de moralidades de fachada e de bastidores; os projetos Warao de permanecer no Brasil; as estratégias econômicas de sobrevivência em curto, médio e longo prazo; os modos Warao de interferência no urbano; a relação Warao com o Estado e com a cultura e sociedade acolhedora; as rotas migratórias mediadas pelo parentesco; as elaborações identitárias Warao no confronto com a cultura e sociedade mossoroense.

Este amplo leque temático permite, em linhas gerais, a articulação de perspectivas teórico-metodológicas clássicas e contemporâneas em Antropologia para a organização de uma pesquisa acadêmica sobre os Warao em Mossoró-RN, em um primeiro momento. E, mais adiante e com a colaboração da rede de pesquisadores interessados que por ora se encontra em gestação, para estudos mais ousados sobre os Warao no Brasil.



## Referências

BOTELHO, Emília; RAMOS, Luciana; TARRAGÓ, Eduardo. 2017. **Parecer Técnico Nº 208/2017/SEAP/6ªCCR/PFDC**. Ministério Público Federal (MPF).

GEERTZ, Clifford. 1978. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar.

\_\_\_\_\_. 1997. Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico. In **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes.

MUÑOZ, Jenny Gregoria González. 2009. **La Oralidad como Instrumento Esencial para la Reconstrucción de la Memoria Ethnohistórica del Pueblo Warao**. Tesis Doctoral en el Doctorado en Cultura y Arte: América Latina y El Caribe aprobada en nombre de la Universidad Pedagógica Experimental Libertador por el siguiente Jurado, Noviembre, 2009.

\_\_\_\_\_. 2019. Etnia indígena Warao: visibilidad de los prejuicios occidentales contemporáneos hacia la ancestralidad. **Revista Serviço Social & Saúde**. Campinas, SP. Vol. 18, pag. 1-27. E-ISSN 2446-5992.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. 1998. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. In **O trabalho do Antropólogo**. 2ª ed. São Paulo/UNESP: Paralelo 15.

SANTOS, Marcio; SONEGHETTI, Pedro Moutinho Costa; TARRAGÓ, Eduardo. 2018. **Parecer Técnico Nº 328/2018 - DPA/SPPEA/PGR**. Ministério Público Federal (MPF).